MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar

2002 nº 226



O Sobrado do Largo do Theatro

O sobrado da atual Praça Homero Ottoni- nº 18, em Guaratinguetá, com seus romances e fantasmas, ostenta uma sólida construção desde a principal porta de entrada, de frente para o antigo Largo do Theatro, até o portão de ferro na secular rua Verde, com um correr de 24 janelas e 5 portas externas.

Um dos últimos marcos da arquitetura neo-clássica do final do século XIX em Guaratinguetá, é reminiscência da economia cafeeira da região. Deve sua construção a um cafeicultor: Francisco José da Rocha que, desesperado pelo montante despendido na edificação do imóvel, deu fim à própria vida ao final da construção. No florão do frontispício, sobre a sacada de esquina do andar superior, estão gravadas as suas iniciais: FJR.

Calçada de lages de pedra, inteiriças, contorna o prédio em toda sua extensão. À entrada, medalhões com pinturas à óleo emolduram as paredes laterais da escadaria com 22 degraus de 2,15 m. de largura. Original janela interna abre, estrategicamente, no segundo pavimento, sobre o vão da escada.

No andar superior, o salão de visitas tem uma porta na sacada de esquina, 3 janelas para a praça e 2 para a rua Rafael Brotero ocupando a frente do prédio. O salão de jantar tem 2 janelas para a rua Rafael Brotero e 3 para o jardim interno, onde há uma estátua de Ceres, no centro de um tanque circular. Três quartos, uma alcova, copa, cozinha, 2 banheiros (1 adaptado posteriormente) e corredores, completam os cômodos do andar superior, o mesmo ocorrendo no andar térreo. No andar superior merece destaque a pequena capela junto à sala de visitas, com sua janela para a escada. Em seu altar foram realizados casamentos dos moradores do sobrado.

Antiga cocheira no fundo do quintal, atual garagem, conserva ainda os cochos dos animais de montaria que entravam pelo portão de chapas de ferro sob arcada de tijolos. Duas sinetas de bronze, no alto do portão, denunciam a sua abertura.

O mais antigo documento encontrado, referente ao sobrado, é uma escritura de compra e venda em que consta, como vendedor de um prédio de sobrado – situado na Praça Doutor Homero Ottoni, antigo Largo do Theatro, número um, esquina da rua Doutor Brotero – Virgílio Rodrigues Gonçalves,

em virtude de herança dos bens deixados por seu pai Antônio Manoel Gonçalves Jr., comissário de café...

Conclui-se que o construtor, desesperado a ponto de suicidar-se, hipotecara o imóvel ao rico comissário de café, falecido a 28 de agosto de 1898. O Comissário, nem o filho, jamais residiram no sobrado.

Somente quatro famílias habitaram o solar desde sua construção: Ana Rosa de França Rocha (viúva do construtor) e sua irmã Mariana Emília de França (Sinharinha Patrício) viúva do Tenente Patrício José Pereira de Castro, com as filhas Maria Etelvina e Crotilde; a família do capitalista carioca Francisco do Couto Rabelo; a família do fazendeiro mineiro de Varginha: Domingos Justiniano Resende Silva e a família de Getúlio Pio Ribeiro Fortes, abastado fazendeiro de Itajubá, sogro da atual proprietária.

Principais fatos, significativos, relativos à época da **primeira família:** comemorações de Primeira Comunhão no amplo salão de jantar do sobrado, a cargo de Dona Sinharinha Patrício, presidente da Irmandade do SS.Sacramento da Igreja Matriz de Santo Antônio.

Após a comunhão na Igreja Matriz de Santo Antônio, as crianças, em fila dupla, caminhavam pela rua Feijó e, na Praça Homero Otoni, subiam a escadaria do sobrado, para a "festa da comunhão", em cujo final eram distribuídos atraentes cartuchos repletos de doces e balas...

Célebres também foram os presépios armados por Dona Sinharinha Patrício no topo da escadaria do sobrado, citados pela poetisa Betina Marino em seu livro "Salto de Vida": "... e a peregrinação prosseguia até a residência da venerada Dona Sinharinha Patrício no Largo do Teatro, aquele sobrado antigo onde reside hoje o distinto casal Sebastião Fortes. O presépio ficava lá em cima, no topo da escada e era todo impregnado de uma poesia tristonha, certamente em virtude de uma lâmpada azul, muito suave, na penumbra das murtas cheirosas que hoje não mais se vêem..." *(Os pés de murta continuam no jardim do sobrado).*

No atual nº 45 da rua Rafael Brotero, havia um casarão onde se hospedavam os padres que vinham participar das novenas do Divino. Narrava Nhá Veridiana, responsável pela hospedagem, que, certa noite, um dos padres caiu desmaiado. Ele vislumbrara, através das janelas do sobrado, as sombras de Etelvina e Crotilde, desnudas, ao vestir as camisolas de dormir, em cena por elas preparadas, às escondidas da mãe – tão dedicada às coisas religiosas...

O primeiro casamento ocorrido no sobrado foi de um amor nascido das janelas do palacete do Dr. Rafael Brotero, atual nº 197. Um de seus netos, Luiz Carlos Brotero Benevides, num namoro típico da época, lançava olhares apaixonados para a prima Maria Etelvina, em uma das janelas do sobrado. Tal paixão finalizou em casamento num sábado de sol, em 13 de setembro de 1913.

A **segunda família** a residir no sobrado e que adquiriu o imóvel por 12 contos de réis de Virgílio Rodrigues Gonçalves (conforme escritura datada do dia 15 de maio de 1919), foi a do capitalista carioca Francisco de Oliveira Couto Rabelo. Ali

viveu com sua esposa Hermínia, as filhas Pequenina, Stela e Alaíde, o então garoto Francisco Rabelo Filho e Marieta Squimbre. Esta se casaria com o Cel. Benedito Rodrigues Alves, em Guaratinguetá. Na ocasião, aí também residiram a veneranda senhora Leopoldina Couto Rabelo, mãe do proprietário e irmã do grande médico Dr. Miguel Couto. "Essa distinta família, procedente do Rio de Janeiro passou a fazer parte da sociedade local, animando os bailes do Clube Literário, as festas de Carnaval..." conforme depoimento do jornalista e poeta Nero Senna, no livro "Um mineiro de Guaratinguetá". Couto Rabelo, o proprietário do sobrado, foi Vereador, Vice-prefeito e Prefeito de Guaratinguetá em 1922, substituindo Pedro Marcondes, então licenciado.

Após vender o sobrado pelo valor de 40 contos de réis ao fazendeiro mineiro, de Varginha, Domingos Justiniano Resende Silva (conforme escritura de venda datada de 27/02/1925), Francisco de Couto Rabelo foi residir em outro sobrado na rua Vigário Martiniano – nº 12 (já demolido). Retornou ao Rio de Janeiro, poucos anos depois, após o casamento das filhas.

Os **novos proprietários**, Domingos Justiniano Resende Silva, a esposa Isabel (Dona Belinha) as filhas: Maria José, Ana, Vanda, Conceição, Haidée, uma sobrinha e um sobrinho, passaram a residir no sobrado a partir de 1925. Família numerosa e religiosa, manteve sempre amizade com outra família de origem mineira, residente à rua Rafael Brotero: Dona Vicentina Ferreira Leite, viúva do pioneiro e ex-prefeito de Bauru, Azarias Leite.

Semelhante ao ocorrido em 1913, em 1926 também os bisnetos do Dr. Brotero (Carlos e Dirceu) namoravam, das janelas do casarão da antiga rua Verde, Vanda e Conceição, debruçadas nas janelas do sobrado...

Após cinco anos, a família de Domingos Justiniano Resende Silva retorna a Varginha e vende o imóvel para o abastado fazendeiro de Itajubá: Getúlio Pio Ribeiro Fortes, um dos pioneiros da criação de gado leiteiro em Guaratinguetá onde adquiriu, em 1917, cinco antigas fazendas de café, ao chegar de Minas Gerais. Comprou o sobrado em 1930, conforme escritura passada a 31/4/1930, por 30 contos de réis.

Família mineira também numerosa, a esposa Maria Vieira de Souza, os filhos: Noemi, Julio, Sebastião, Ana, Leonel, Maria Aparecida e Noé, os netos, os empregados e os agregados. Sebastião (Nenê), herdaria o sobrado após o falecimento do pai em 1942. É esta a **quarta e atual família de proprietários**.

Vários fatos tumultuaram a vida do sobrado na década de 1930. Os jovens fazendeiros ao chegarem de Minas, com seus trajes de montaria pelas ruas da cidade, acirraram o ânimo e o ciúme de cerca de 30 estudantes, na Praça Homero Ottoni. O atrito chegou a suscitar a intervenção do Promotor Público Dr. Adriano Mendonça, que conseguiu acalmar as partes e impedir violências contra o sobrado e seus moradores.

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, com a omissão do Estado de Minas Gerais em colaborar com o Estado de São Paulo e conseqüente revolta dos paulistas contra os mineiros, a figura austera do fazendeiro Getúlio Pio Ribeiro Fortes, otogenário, de pé na sacada do sobrado com espingarda de 3 canos na mão, impediu novas pedradas na direção ao solar, embora as salas do andar térreo estivessem

transformadas em hospital e o carro da família cedido à Revolução Paulista.

Outro fato no final da década: um cidadão bem apessoado, João Galvão, de Cunha, alugara por meses, a sala de frente do andar térreo. Certa manhã os moradores despertaram com o estampido de um tiro... Por não ser correspondido por uma jovem moradora da casa de uma das esquinas da praça e após longo tempo de olhares à distância através de um orifício na veneziana da janela (até hoje existente), o jovem suicidara-se, impecavelmente trajado, deixando seu retrato para ser entregue à suposta namorada, o quarto em perfeita ordem, e a quantia suficiente para o seu sepultamento. Detalhe: o suicídio foi praticado dentro do próprio caixão de defunto, escolhido à seu gosto...

Para não fugir à tradição de casamentos originados da troca de olhares apaixonados das janelas do sobrado para casarões vizinhos, no início dos anos 40, o fazendeiro Sebastião Vieira Fortes (Nenê), do sobrado, levou ao altar no dia 26 de março de 1943, a jovem que residia à Praça Homero Ottoni – nº 61, Maria Virgília de França Cipolli Maia (Dadá).

Pela bela voz de soprano da noiva, o poeta Nero de Almeida Senna homenageou-a com o soneto "Rouxinol", publicado no jornal O Paraíba de 28/12/1941: "Costuma um rouxinol cantar todos os dias / Na praça Homero Otoni em hora vesperal / Seus trinados de amor, risadas de cristal / Maravilhas de sons em ondas de harmonias..."

São ainda célebres "no solar do século XIX da sempre aristocrática Maria Virgília Maia Fortes..., as tradicionais ceias de Natal e as deliciosas rabanadas, há mais de meio século", segundo registrou em 18/11/2001, o cronista social José Luiz de Souza, do jornal O Valeparaibano.

Simpáticos e lendários fantasmas, perambulam de vez em quando pela casa: uma jovem com longa camisola e uma touca de dormir, desliza da porta da alcova ao relógio da sala. Comensais barulhentos no salão de jantar tilintam os copos, batem os talheres, arrastam as cadeiras, silenciam e retomam à algazarra várias vezes. Um espectro nebuloso passeia de vez em quando pelos quartos, pelas salas, sem horário definido. Outro, mais atrevido, chega até a se sentar nas camas, assustando a quem ali estava dormindo...

Conforme a tradição do sobrado, casamentos continuaram acontecendo no final do século XX, entre jovens do sobrado e da rua Verde. E na atual geração, ainda encontramos descendentes de Getúlio Fortes e do construtor, cujas iniciais decoram a esquina da rua Verde com o Largo do Theatro...

Maria Isbella Maia Fabiano

Fontes de Consulta: - MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. Os Galvão de França. – SENNA, Homero. Um Mineiro de Guaratinguetá. – Jornal O Paraíba de 28/12/41. – Depoimentos de: Maria Aparecida Antunes Cruz, Benedita Maria de Oliveira, Maria Virgília Maia Fortes, Helvécio de Vasconcelos Coelho, Getúlio Fortes Antunes. – Arquivo Memória de Guaratinguetá, do Museu Frei Galvão. – Jornal Vale do Paraíba de 18/11/2001. – Monografias nºs 127 e 219, do Museu Frei Galvão.